

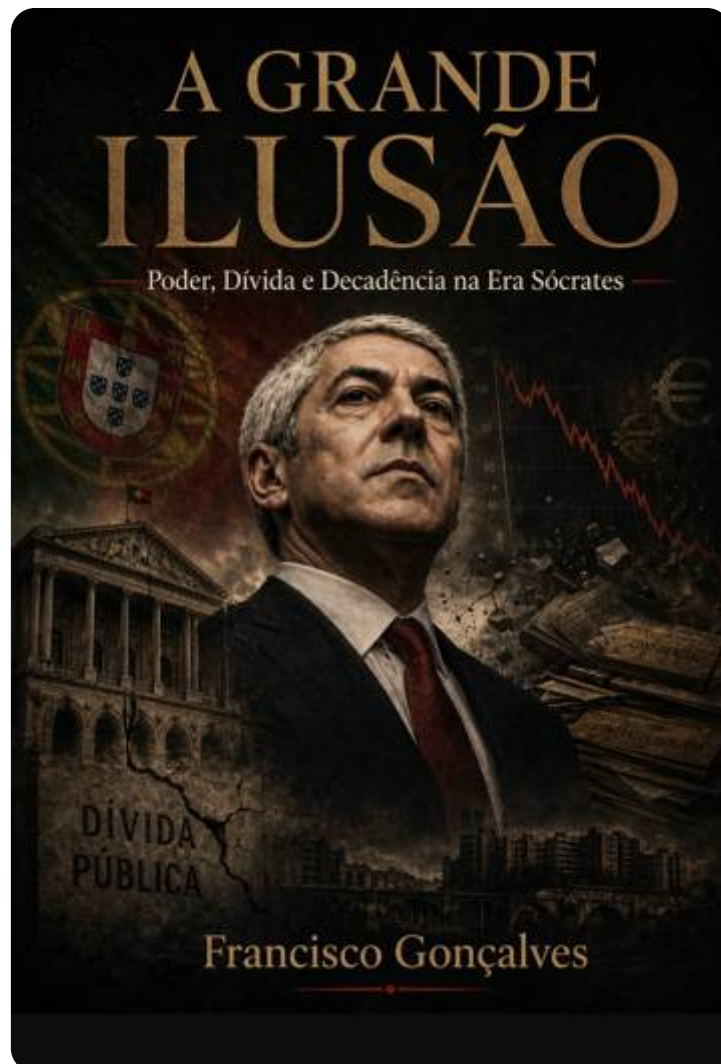
Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Grande Ilusão: o novo livro que desce às entranhas da era Sócrates

Publicado em 2026-04-22 15:23:33



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

a era de José Sócrates e o colapso moral, financeiro e institucional desse ciclo.

- O livro analisa a propaganda da modernidade, a dívida pública, o Estado empresarial, as PPP, o compadrio e o resgate de 2011.
- A obra procura mostrar que Sócrates não foi apenas um homem, mas também um sintoma profundo de fragilidades estruturais da democracia portuguesa.
- Mais do que uma crónica sobre um ex-primeiro-ministro, trata-se de uma meditação dura sobre o país que o produziu, o tolerou e pagou a factura.
- O livro inscreve-se na linha editorial crítica, cívica e ensaística de **Fragmentos do Caos**.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

entranhas da era Sócrates

Há livros que contam factos. E há livros que abrem feridas para impedir que o país continue a chamar cicatriz ao que nunca sarou.

Chega agora ao espaço editorial de **Fragmentos do Caos** um livro que não pretende agradar, embalar nem pacificar memórias. Pretende, isso sim, fazer aquilo que a política portuguesa tantas vezes evita com esmero quase litúrgico: olhar de frente para um dos seus períodos mais tóxicos e dizer-lhe o nome sem anestesia.

Esse livro chama-se **A Grande Ilusão — Poder, Dívida e Decadência na Era Sócrates**.

Não é uma obra de ocasião, nem um libelo de raiva passageira, nem uma simples colagem de factos já conhecidos. É um ensaio político e moral sobre uma época que marcou profundamente Portugal — não apenas pelos números da dívida, pela queda financeira, pelo resgate e pela austeridade, mas pela forma como expôs a fragilidade das

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um livro sobre um homem — e sobre muito mais do que um homem

Seria fácil apresentar **A Grande Ilusão** como um livro sobre José Sócrates. E seria também insuficiente. Porque o verdadeiro alcance da obra está precisamente no facto de recusar essa simplificação confortável. O livro não absolve o protagonista político da era em análise, mas não se limita a transformá-lo num monstro isolado, útil para salvar a consciência do sistema.

Pelo contrário: mostra que Sócrates foi também um produto. Produto de um partido que o promoveu, de elites que o legitimaram, de um país que quis acreditar na velocidade sem base, de uma máquina de poder que confundiu modernização com encenação e de uma democracia demasiado habituada a tolerar excessos desde que venham embalados em obra, discurso e pose de eficácia.

A força do livro está justamente aí. Em vez de fixar tudo numa biografia individual, alarga o foco e obriga o leitor a ver a paisagem inteira: a fabricação do líder, a propaganda da modernidade, o Estado empresarial como reino paralelo, as PPP como engenharia do adiamento, o compadrio como atmosfera, a tentação de controlo do espaço mediático, o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O livro propõe uma ideia particularmente incómoda, mas difícil de refutar: a era Sócrates não foi apenas um ciclo governativo falhado. Foi uma radiografia do país. Nela apareceram condensadas muitas das fraquezas portuguesas mais persistentes: o deslumbramento com a obra visível, a pouca densidade de escrutínio, a permeabilidade do Estado ao aparelho, a promiscuidade entre política e negócio, a preguiça crítica, a memória curta e a incapacidade quase crónica de transformar a ruína em lição.

É por isso que o título é tão certo. **A Grande Ilusão** não designa apenas a ilusão de um governante ou de um partido. Designa a ilusão de um país inteiro que quis acreditar que podia comprar modernidade com dívida, substituir robustez por cenografia e trocar verdade por narrativa.

Quando a realidade bateu à porta, bateu com a linguagem que a propaganda nunca controla: défice, dívida, colapso, assistência externa, austeridade, humilhação. E o país descobriu então que o brilho do palco estava a ser pago com décadas de factura.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

curioso: ou escorrega para a reverência académica sem sangue, ou para o panfleto apressado sem espinha. Este livro foge às duas armadilhas. Assume-se como ensaio, mas com pulsação. Assume-se como crítica, mas com estrutura. Assume-se como memória, mas sem nostalgia doentia nem reverência inútil.

Há, em **A Grande Ilusão**, uma intenção mais funda do que a mera denúncia: impedir que a amnésia vença. Porque esse talvez seja o grande inimigo da República portuguesa — não apenas a corrupção, não apenas a incompetência, não apenas a dívida, mas a capacidade extraordinária de transformar catástrofes em episódios e depois em névoa.

Este livro levanta-se precisamente contra essa névoa. Quer fixar. Quer nomear. Quer julgar. Quer deixar escrito que houve uma época em que Portugal se deixou governar por uma mistura letal de propaganda, centralização, dívida, promiscuidade e vaidade de poder — e que a conta dessa mistura caiu sobre gerações inteiras que não a decidiram.

O tom: duro, literário, sem desculpas fáceis

Quem conhece a escrita de Francisco Gonçalves reconhecerá aqui o seu registo mais pleno: crítico, ensaístico, poético quando necessário, mas sempre orientado por uma exigência

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

contingências de percurso.

Ao longo das páginas, o leitor encontrará não apenas análise política, mas também uma espécie de anatomia moral do país. Não se trata de despejar ressentimento. Trata-se de medir o dano. Medir o que aconteceu às instituições, ao debate público, à confiança dos cidadãos, ao vínculo entre verdade e governação. Medir, em suma, a erosão íntima da democracia portuguesa durante e depois desse ciclo.

Porque este livro importa agora

Poder-se-ia perguntar: porquê voltar a esse período? Porque insistir ainda? Porque não deixar o passado arrumar-se no sótão dos processos, das comissões e das memórias partidárias? A resposta é simples: porque Portugal continua a não ter julgado verdadeiramente essa era. E aquilo que não se julga com lucidez regressa sempre com outra cara, outra embalagem e outro marketing.

Há livros que chegam cedo demais e outros que chegam tarde demais. Este chega no ponto em que a distância temporal já permite ver melhor a arquitectura da ilusão, mas a ferida ainda está suficientemente viva para não deixar o país refugiar-se na cómoda ficção do “isso já passou”. Não passou. Está em muitas das deformações actuais da vida



Um livro necessário para a biblioteca cívica portuguesa

A **Grande Ilusão** não é um livro neutro, nem pretende sê-lo. Mas é um livro necessário. Necessário porque a neutralidade perante certos períodos da história recente acaba por ser apenas outra forma de cumplicidade estética com a amnésia. Necessário porque Portugal precisa de obras que nomeiem com clareza os seus momentos de decadência. Necessário porque uma democracia sem memória crítica transforma-se rapidamente num teatro de repetições.

Este livro entra, por isso, na biblioteca cívica portuguesa como um aviso, uma acusação e uma tentativa de resgate moral pela escrita. Não o resgate financeiro que nos foi imposto de fora, mas o resgate da inteligência nacional diante daquilo que preferimos tantas vezes não ver enquanto o cartaz ainda brilha.

Conclusão: um espelho duro para um país de memória fraca

No fundo, A **Grande Ilusão** faz aquilo que poucos textos políticos em Portugal se atrevem a fazer com verdadeiro fôlego: devolver ao país um espelho. Não um espelho

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Talvez seja por isso que este livro mereça ser lido não só como retrato de um passado recente, mas como advertência dirigida ao futuro. Porque o verdadeiro perigo nunca é apenas o homem que sobe. É o país que o torna possível.

Nota editorial

Este livro nasce de uma convicção simples e dura: um país que não faz contas morais ao seu passado político fica condenado a repeti-lo com outras máscaras. **A Grande Ilusão** é, por isso, mais do que uma obra sobre uma época. É um gesto de recusa perante a amnésia útil, a indulgência partidária e o hábito português de sobreviver sem verdade suficiente.

Ler o Livro : A Grande Ilusão

Publicação de **Aletheia Veritas**

Para o Blogue **Fragmentos do Caos**


Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)